

LUIZ GONZAGA: ainda lembrando o centenário do Rei do Baião

Dinacy Mendonça Corrêa¹

José de Ribamar Mendes Filho²

Conceição Feitosa³

Uma leitura crítico-analítica, regionalista do cancionário gonzaguiano, centrada na problemática da seca nordestina e suas consequências sócio-políticas, aspectos temáticos e estilísticos.

Palavras-chave: Nordeste; Seca; Sertão; Música Nordestina.

Une lecture critique-analytique, regionaliste du recueil de chansons de Luiz Gonzaga, centrée dans la problématique de la sécheresse du Nord-Est et ses conséquences socio-politiques, ses aspects thématiques et stylistiques.

Mots-clef: Nord-Est; Sec; Désert; Musique du Nord-Est.

*Minha vida é andar/ Por esse país/ Pra ver se um dia/ Descanso feliz/ Guardando as
recordações/ Das terras por onde passei/ Andando pelos sertões/ E dos amigos que lá deixei./
Chuva e sol/ Poeira e carvão/ Longe de casa/ Sigo o roteiro/ Mais uma estação/ E a alegria
no coração [...].* (Luís Gonzaga – A Vida do Viajante)

*Gonzaga foi um grande artista, eu fui amigo dele; dificilmente surgirá no Brasil alguém
parecido com ele.* (Patativa do Assaré)

Luiz Gonzaga era cheio de momentos, de repente, rompantes. No começo dos anos 60, [...] ele andava muito triste com o descaso que as emissoras de rádio davam à “música

¹ - Prof. Estadual (Seeduc/Uema). Mestre em Letras-UFRJ; doutoranda em (Ciência da Literatura-UFRJ).

² - Graduado em Letras-Uema-2000.

³ - Graduada em Letras/UFMA-2005. Especialista em Literatura Brasileira/Uema-2007.

nordestina”, da qual ele era, naturalmente, o maior representante, o baluarte dessa coisa chamada música brasileira de raízes. (Dominginhos)

Luiz Gonzaga é um patrimônio. O maior representante da cultura nordestina. (Elba Ramalho)

O drama das secas, reincidente no Nordeste do País (região árida), na conexão natureza e cultura; homem/meio/sociedade – ação e repercussão, na vida dos brasileiros nordestinos, fustigados pelas intempéries do seu meio geofísico (em suas implicações e socioeconômicas, culturais e políticas), é o nosso objeto de estudo, temática de abordagem neste ensaio músico/poético, voltado ao cancionário de Luiz Gonzaga, priorizando, como enfoque central, o que se nos parece um flagelo sertanejo: a seca nordestina, motivo inspirador desse repertório poético-musical. Questão que até pode se nos parecer ultrapassada, já suficientemente explorada. Como fenômeno real, entretanto, ainda é vigente, atual, circunstante. No cancionário Gonzagueano, vale lembrar, a saga das retiradas, o drama daqueles seres tangidos pela seca, constitui o mote central das canções, como a refletir (numa sintonia/analogia, com a secura do ambiente), a dor dos habitantes (permanentes e/ou emigrantes), bem como dos animais. Enfim, sentimentos humanos – argumento de autoridade a justificar a subida desse cantador sertanejo ao *podium* da glória, como o mais insigne representante do regionalismo, na música nordestina. A confirmar a literariedade das canções por ele interpretadas, descortinando o perfil do Nordeste, o *modus vivendi* dos sertanejos, em seu contexto geográfico e sociocultural.

Como é possível constatar, Gonzaga traduz e realça, no seu canto, a **angústia nordestina**, despertando a nossa atenção para o descaso dos governantes, no que tange à viabilização de medidas eficazes na erradicação dessa problemática que atinge, de forma exorbitante, o Sertão – agravada por fatores como: injustiças político-sociais, fome (consequência da seca), responsáveis pela migração de todo um contingente humano para os grandes centros urbanos do País (por excelência São Paulo).

Partir-se-á, pois, de um enfoque sobre o Nordeste brasileiro, seguindo-se breve contemplação do cancionário em pauta, numa perspectiva crítico/analítico/interpretativa, concebendo-se a música nordestina, não apenas como fonte de prazer e animação, mas também motivo de reflexão, apta a subsidiar uma leitura que partirá do texto para o respectivo contexto geo/histórico/social.

Do Nordeste Brasileiro

[...] *Qui brasero/ qui fornaia/ Nem um pé de prantação/ Pur farta d'água/ Perdi meu gado/ Morreu de sede meu alazão [...]* (Luís Gonzaga – Asa Branca)

Região que se estende por toda uma área de 1.548.672 km², habitada por aproximadamente 28,7 milhões de pessoas, o Nordeste brasileiro compreende nove estados: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, tendo como principais centros urbanos: Recife, Salvador e Fortaleza. Nordeste e Seca: dois termos quase sempre associados, levando à impressão de tratar-se de uma imensa faixa de terra completamente árida. Há que se ponderar, no entanto: se as secas regulares são verdadeiras, estas não chegam a afetar todo o Nordeste. Em verdade, podem ser encontradas, ali, áreas onde chove frequente, intensamente. É de se admitir, pois, que a região apresenta diferenças consideráveis, no que se refere ao clima, solo e vegetação.

Do litoral para o interior, podem-se elencar, sequenciadas, três regiões distintas: a **Zona da Mata**, o **Agreste** e o **Sertão**. A primeira, abrangendo toda uma faixa litorânea, que vai do Rio Grande do Norte à Bahia, numa largura de 100 a 200 km, caracteriza-se por um clima quente e úmido, com duas estações bem definidas: a das chuvas e a das secas; a segunda, numa transição entre a Zona da Mata e o Sertão, é o **Agreste** – onde ocorrem semelhanças alternadas com a região litorânea e a das secas; a terceira, no interior, ocupando $\frac{3}{4}$ da região, é o **Sertão**, área de seca e caatingas.

O Sertão é a zona mais problemática do Nordeste. Tanto que, às vezes leva a crer, tratar-se de um imenso deserto. As secas periódicas, de consequências catastróficas, são responsáveis por essa imagem que se tem, ao evocar a região – tanto nos dias atuais, como no passado. A propósito, vale lembrar, o Sertão Brasileiro tem sido retratado, na ficção artística, sobretudo nas letras (na poesia e na prosa), ao longo dos estilos de época da Literatura Brasileira, em obras de grandes escritores, como: José de Alencar (**O Sertanejo**); Euclides da Cunha (**Os Sertões**); Raquel de Queirós (**O Quinze**); Graciliano Ramos (**Vidas Secas**); Guimarães Rosa (**Grandes sertões: veredas**); João Cabral de Melo Neto (**Morte e vida Severina**), dentre outros. Veja-se: “Quem, pela primeira vez, percorre o sertão nessa quadra, depois de longa seca, sente confranger-se-lhe a alma até os últimos refolhos em face dessa inanição da vida, desse imenso holocausto da terra” (ALENCAR, 1996, p.16). Mais: “O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida. Nasce do martírio secular da terra” (CUNHA *apud* CITELLI, 1997, p.44).

A bendita região expande-se do litoral do Rio Grande do Norte à parte setentrional de Minas Gerais e se caracteriza pela presença de baixos planaltos. Em toda essa extensão territorial, as chuvas, em geral, acontecem apenas em três ou quatro meses do ano. E o calor

intenso provoca forte evaporação. Em determinados anos, as chuvas não caem nem mesmo no período habitual, provocando secas periódicas durante as quais apenas as cactáceas, desprovidas de folhas (juazeiros, umbuzeiros, quixabeiras), mantêm a cor verde. Uma transparência fiel do sertão: “A folhagem dos juazeiros aparece longe. Através dos galhos pelados da caatinga rala, tinham deixado os caminhos cheios de espinhos e seixos fazia horas que pisavam à margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (RAMOS, 1998, p.74).

Nos planaltos, estendem-se as grandes propriedades, voltadas, por excelência, à criação de animais (bovinos, caprinos, ovinos) e ao plantio do algodão. Nos vales dos rios mais úmidos, são cultivados: mandioca, milho, cebola, alho, cana-de-açúcar, na chamada agricultura de vazante.

Os raros centros urbanos da região se vão estabilizando, a princípio, em função do comércio local. É o caso de Feira de Santana, Jequié, Salgueiro e Arco Verde, que se desenvolveram a partir das feiras de gado. A população do sertão dispersa-se pela caatinga, ou concentra-se em pequenas cidades, à beira dos rios, em geral, em zona já ocupada, no século XIX, pela cultura do café.

O Nordeste, convém ressaltar, começa a se projetar, nacionalmente, no século XVI, como insuperável produtor de cana-de-açúcar. Ainda hoje, essa é a atividade agrícola mais importante da região, que também ocupa o primeiro lugar na produção de sal, favorecida, esta, pelo clima seco, pelas altas marés e pela costa baixa, inundando o litoral. Dignos de nota, ainda são: a cultura do cacau e da carnaúba.

A exploração e povoação do interior do Nordeste inicia-se no século XVII, graças ao incremento da cultura algodoeira. Reitere-se, todavia: o maior problema enfrentado pela população nordestina, em todos os tempos, vinculado à seca, é a falta de recursos econômicos – o que elimina qualquer perspectiva de melhoria para o habitante da região, deveras afetado por essa contingência que o obriga a adaptar-se à difícil natureza que o rodeia. Daí, o conceito euclidiano de que o sertanejo é um forte. Outrossim, evidencie-se, é justamente no Sertão (e também em parte do Agreste), que se verifica o drama da seca. Em 1951, recorde-se, por meio da Lei 1348, o Governo Federal demarca uma área designada *Polígono das Secas*, dimensionada em 950 mil quilômetros quadrados, correspondendo, mais ou menos, à metade da Região Nordestina, em limites que vão do Piauí, à porção Norte de Minas Gerais. Como se pode deduzir, a situação, no referido Polígono, é deveras causticante.

Temática e inspiração na arte

Lá no meu pé de serra/ Deixei ficar meu coração/Ai que saudades tenho/ Eu vou voltar pro meu sertão/ [...]. (Luís Gonzaga/Humberto Teixeira – Pé de Serra)

Com o advento do Romantismo, em seus postulados e proposta libertadora, no âmbito das Letras Nacionais, o Nordeste passa a representar um dos grandes filões temáticos, explorados pelos nossos poetas e romancistas. A convicção de que o verdadeiro Brasil é o do Sertão, decorre do sentimento nacionalista que se vai formando e envolvendo os escritores e intelectuais, desde o período Colonial – convicção que se fortalece com a Independência, levando muitos autores a enveredar pelo chamado sertanismo, oferecendo, através da ficção literária, uma visão grandiloquente e apocalíptica da seca (CASTRO, 1997).

Já em plena estética realista, sob os influxos do determinismo tainiano, pode-se dizer, o regional desidealiza-se, com os escritores empenhados em revelar a realidade da vida, na perspectiva dos fatores: meio, raça e momento histórico. Autores como Rodolfo Teófilo (**A Fome** – 1938), Domingos Olímpio (**Luzia Homem** – 1903) e, sobretudo, Oliveira Paiva (**Dona Guidinha do Poço** – 1891, publicado em 1952), passam a denunciar aspectos retrógrados de nossa organização rural – como o sistema de apropriação da terra, o aproveitamento e a transformação dos recursos naturais, a permanência das relações de trabalho, sob os mesmos moldes da era Colonial (NICOLA, 1998).

Ainda pautada na concepção Realista (arte como instrumento de crítica social), a literatura pré-modernista amplia essa visão problematizadora do Sertão Nordestino, incorporando, ao texto, particularidades sintáticas e vocabulares do falar regional (CASTRO, 1997).

No século XX, o fenômeno da seca também é referência para autores/obras como: José Américo de Almeida (**A Bagaceira**-1928); Rachel de Queiroz (**O Quinze**-1930); Graciliano Ramos (**Vidas Secas**-1930); Jorge Amado (**Seara Vermelha**-1946); João Cabral de Melo Neto (**Morte e Vida Severina**-1954) entre outros(as) (MOISÉS, 1996).

Nesse contexto, o que se pode observar é uma renovação na tendência regionalista. Eis que, na década de 40, começa a ser recriado, poeticamente, um sertão

imaginário, a partir das vivências do homem *versus* meio ambiente. O Nordeste, então, vem a ser o palco dos dramas do romance social, de denúncia deste outro Brasil que as grandes metrópoles desconhecem, mas que os escritores tão bem sabem revelar, despertando nos seus leitores, no povo em geral, a consciência dessa tragédia (a seca) vivida pelos nordestinos.

É nesse contexto que surge Luiz Gonzaga, em sua viva/voz e insuperável sentimento cívico, a interpretar o clamor desse povo, especialmente nas retiradas, nas secas e estiagens, contribuindo para a formação de uma consciência nacional, na acepção de que o Nordeste também é Brasil e existe de verdade e na convivência com esse drama secular, inseparável de sua história.

Como já é consabido, a seca não é uma novidade, um fenômeno recente. Todavia, é com **Asa Branca**, que essa temática/problemática nordestina voa a grandes alturas, nos acordes poéticos do canto gonzagueano, ganhando foros de epopéia de um povo sofrido, mas heróico.

Tal importância e significado vêm a ser conferidos a essa música (Asa Branca), que ela vem a se converter numa espécie de hino de todo o Nordeste, síntese de uma vertente musical (e de uma literatura) poética, melodiosa, que sussurra, ritmadamente, aos ouvidos dos poderosos, a mais dolorosa (e vergonhosa) calamidade, traduzida na fome, no êxodo, na expulsão da terra natal, para a caminhada da morte – que faz, de cada retirante nordestino, um abúlico no seu próprio país:

*Hoje, longe muitas léguas,
numa triste solidão,
espero a chuva cair de novo
pra mim vortá*

pro meu sertão (GONZAGA & TEIXEIRA, 1998, CD 01:04)

A música sertaneja gonzagueana, bem como a literatura regionalista, assumiu e cumpriu a missão de transfigurar a realidade do sertão nordestino, divulgando o drama das secas, em nível nacional, numa perspectiva que nacionaliza ou mesmo universaliza os conflitos humanos. A música, portanto, aliada à letra, no cancionário em estudo, identifica-se com a geografia física e humana do Nordeste, de um modo flagrante e definitivo, como num signo poético-musical,

amalgamado numa obra única, inspirada na vivência do sertanejo, duro e sofrido, num cenário marcado, tanto pela aridez climática, como pelas profundas diferenças econômicas e político-sociais da região.

Assim, pode-se inferir, o cancionero em referência, representa a expressão máxima dos sentimentos e (re)sentimentos do homem nordestino. (Re)sentimentos que, em maior ou menor grau, estão latentes na alma de qualquer ser humano igualmente sofrido, como o caboclo do Sertão Brasileiro.

Luiz Gonzaga em vida e arte: uma voz que (en)canta

Meu nome é Luiz Gonzaga/ Não sei se sou fraco ou forte./ Só sei que graças a Deus/ Até pra nascer dei sorte/ Pois nasci em Pernambuco/ Famoso Leão do Norte.// Nas terras de Novo Exu/ Da Fazenda Caiçara/ Em novecentos e doze/ Viu o mundo minha cara...// Dia de Santa Luzia/ Por isso é que sou Luíz/ No mês que Cristo nasceu/ Por isso é que sou Feliz. (Luíz Gonzaga)

Luiz Gonzaga do Nascimento vem ao mundo na Fazenda Caiçara, sopé da Serra de Araripe-Pe., divisa com o Ceará e Piauí (a 70 km de Ceará e a 693 do Recife), no dia 13 de dezembro, de 1912 (consagrado a Santa Luzia, a protetora dos olhos; daí o nome de Batismo; do Nascimento, por ser o mês em que Cristo nasceu). Filho de Januário José dos Santos (mestre sanfoneiro e consertador de instrumentos) e de Dona Ana Batista de Jesus (a popular e bela Santana dos olhos verdes). Aos sete anos, muda-se com a família para o centro urbano de Exu, passando a acompanhar o genitor como sanfoneiro auxiliar. Ressalte-se: além de lavrador, Januário era músico, respeitado por toda a redondeza. Assim, ao lado do pai, com apenas doze anos, Gonzaga já anima sambas, em vários terreiros do Sertão do Araripe.

Com essa mesma idade (doze anos), com o auxílio do Coronel Manoel Alves de Alencar, compra a sua primeira sanfona (oito baixos), por cento e vinte mil réis (a essa altura, já ganhando tanto ou mais que o pai), para tocar nos bailes em Granito, Baixio dos Doidos, Rancharia e Cajazeira do Faria.

Em 1930 (em plenos 17 anos), apaixona-se por Nazaré, filha do Coronel Raimundo Delgado (em tudo contrário ao projeto amoroso dos jovens mutuamente apaixonados) – a quem, no auge do entusiasmo adolescente, ameaça de morte, pelo que leva uma surra da mãe Santana. Revoltado, foge de casa, caminhando a pé até o Crato, onde vende a sanfoninha (por oitenta mil réis) e de onde viaja para Fortaleza, alistando-se no Exército como recruta do 23º Batalhão de Caçadores, em plena Revolução de 30.

Nessa condição, desloca-se por todo o continente brasileiro, com sua tropa, da qual recebe a alcunha de *Bico de Aço* (exímio corneteiro que era). De passagem por Juiz de Fora, conhece Domingos Ambrósio, que lhe passa alguns “truques” na sanfona. Em 1939, em São Paulo, compra um novo instrumento. Segue, então, para o Rio de Janeiro, onde pede baixa do Exército, após dez anos de militância. Ainda como soldado, é levado para a zona do baixo meretrício (ali então conhecida como *O Manguê*), para substituir o guitarrista português Xavier Pinheiro, que vem a se tornar, para ele, uma espécie de protetor e mais tarde o pai adotivo de Gonzaguinha. Adaptando-se ao ambiente local, passa a se apresentar em muitas casas noturnas (cabarés, *dancings* e gafeiras). No rádio, faz suas primeiras tentativas como calouro, nos programas de Silvino Neto e Ari Barroso.

Em 1940, numa das casas noturnas do *Manguê* (Rua Júlio do Carmo, esquina de Carmo Neto), é desafiado por um grupo de estudantes nordestinos (entre estes o futuro Ministro da Justiça, Armando Falcão), a tocar “algo lá da terra”. Depois de uma semana de treinos, reapresenta-se aos mesmos universitários, tocando, dentre outras preciosidades: **Pé de Serra e Vira e Mexe**, sendo calorosamente aplaudido. Volta, então, à Rádio Nacional, ao programa de Ari Barroso, conquistando a nota máxima e sendo, definitivamente, contratado. Em seguida, faz sua primeira gravação, acompanhado pelo grupo de Genésio Arruda.

Em 1941, grava seu primeiro disco, de 78 RPM (Gravadora RCA), contendo: **Véspera de São João** (mazurca); **Numa Serenata e Saudades de São João Del Rei** (valsas); **Vira e Mexe** (chamego). Em 1943, vem a conhecer Pedro Raimundo, sanfoneiro catarinense, que estreia na Rádio Nacional, com roupas de gaúcho. Nele se inspirando, passa a apresentar-se vestido de nordestino e a cantar com sua própria voz. **Dança Mariquinha** (em parceria com Miguel Lima) foi o seu disco de estréia.

Com o sucesso desse seu primeiro disco, procura nordestinizar, mais autenticamente, as suas composições. É então que faz nova parceria, desta feita com Humberto Cavalcante Teixeira, advogado cearense com quem vem a compor dezenove músicas, que viriam a se tornar, em sua maioria, verdadeiros clássicos nordestinos.

Em 1945 (22 de setembro), fruto do relacionamento amoroso do artista com Odaléia Guedes dos Santos, cantora e bailarina do coro de Ataulfo Alves (com quem Gonzaga viveu por cerca de cinco anos e que veio a falecer tuberculosa em 1952), nasce Luís Gonzaga do Nascimento Júnior (Gonzaguinha) que, ao perder a mãe, conta sete anos de idade e já morando com os padrinhos (Xavier e Dina), no morro de São Carlos.

Em 1946, começa a ser reconhecido nacionalmente.

Com os **Quatro Ases** e **Um Coringa**, grava **Baião** de Teixeira e Gonzaga. Entusiasmado com o sucesso, decide voltar a Exu, onde se reencontra com os pais (Januário e

Santana). Dessa reunião, aflora a célebre **Respeita Januário**. Em 1947, compõe, com o parceiro advogado, entre outras, a música **Asa Branca**, nascida da lembrança de uma das músicas cantaroladas pelo pai. A música vai parar em Hollywood, cantada no filme **Romance Carioca** (*Nancy Goes to Rio*), por Carmem Miranda. Em 1948 (6 de junho), casa-se com a contadora pernambucana Helena Neves Cavalcante, com quem não teve filhos, vindo a adotar duas crianças: Rosa e Luiz. Em 1949, estabelece nova parceria (em 43 músicas) com José de Souza Dantas Filho, médico pernambucano.

Em 1950, depois de uma apresentação em São Paulo, é aclamado o **Rei do Baião**. Em 1951, assina novo contrato com a RCA, para viajar por todo o Brasil. Em 1953, compõe, com Zé Dantas, a pungente **Vozes da Seca**, marcando um tempo de grande seca no Nordeste. Nesse mesmo ano, surge **Vida de Viajante** (parceria com Hervê Cordovil). Em 1954, faz grande sucesso com suas músicas de ritmos urbanos e agrestes, ao lado de cantores, como Jackson do Pandeiro, os irmãos Moraes e Valdo. Na temporada, cantando em uma feira de Olinda, conhece Dominginhos – marco indelével na sua vida.

Em 1962, morre o poeta, médico e folclorista Zé Dantas, seu grande parceiro. Começa, então, uma nova fase para o cantador que, a partir de 1965, vem a influenciar os jovens do movimento **Tropicália**. Assim, em 1971, grava músicas de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Capinan, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Nonato Buzar, Fagner... Apresenta-se no *Festival de Guarapari* e faz sucesso entre os *hippies* de então. Em 1972, é a vez de apresentar-se no *Teatro Tereza Rachel*, sob a direção de Jorge Salomão e Capinan. Em 1973, troca de gravadora, por um breve período. Em 1976, o *Projeto Minerva* dedica um especial à sua obra. Em 1979, morre seu parceiro, o compositor Humberto Teixeira.

Em 1980, em Fortaleza, canta para João Paulo II, ouvindo do Santo Padre, um “obrigado cantador” – momento de grande emoção em sua vida. Em 1981, canta **Luar do Sertão**, de Catulo da Paixão Cearense e visita o Presidente em exercício (Aureliano Chaves), pedindo-lhe que intervenha em Exu, no sentido de promover a conciliação entre as famílias Alencar, Saraiva e Sampaio – o que, de fato, vem a acontecer, após 15 dias, quando toda a cidade vê dissolvidas antigas rixas e enfim terminada uma rivalidade que já durava anos e décadas.

Em 1982, a convite da cantora Nazaré Pereira, viaja para a França, apresentando-se em Paris, no teatro *Bolbinot*. Nesse mesmo período, tem relançados, pela RCA, 35 LP's de sua obra (já merecedora de elogios por toda a crítica especializada). Em 1984, recebe a homenagem máxima do MPB SHELL (em 1981, recebera os dois únicos discos de ouro de sua carreira). Em 1985, recebe o *Nipper de Ouro* – prêmio que, ressalte-se, além de Gonzaga, só recebera o cantor Nelson Gonçalves.

Em 1986, de volta à França, canta no *Halle de La Villete*, ao lado de Fafá de Belém, Alceu Valença, Moraes Moreira, Armandinho Macedo, entre outros. Em 1988, a RCA lança **50 Anos de Chão**, cobrindo toda trajetória musical desse cantador do sertão.

Em 1989, no dia 6 de junho, Luiz Gonzaga do Nascimento sobe, pela última vez, num palco (*Teatro Guararapes*, do Centro de Convenções do Recife) e já em uma cadeira de rodas – ao lado de Gonzaguinha, Dominginhos, Alceu Valença e outros amigos e parceiros, ocasião em que expressa: “Quero ser lembrado como sanfoneiro que amou e cantou muito o seu povo, o sertão, as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes, o amor” (MÁXIMO, 1998, p.21). Vem a falecer (de osteoporose) no dia 2 de agosto de 1989, às cinco horas e quinze minutos, no Hospital Santa Joana, no Recife (onde dera entrada há quarenta e dois dias). Seu corpo é velado na Assembléia Legislativa e o Governo de Pernambuco decreta luto oficial por três dias. Hoje, seus restos mortais descansam no mausoléu da família, no *Parque Asa Branca*, em Exu-Pernambuco.

Um voz (en)canto, a revelar uma região desconhecida/esquecida, um povo sofrido

[...]. A seca feis eu disertá da minha terra/ Mas felizmente Deus agora se alembôrô/ De mandá chuva prêsse sertão sofredô/ Sertão das muié séria dos homes trabaiaidô/ Rios correndo, as cachuera tão zuando/ Terra moiada mato verde qui riqueza/ E a asa-branca à tarde canta qui beleza/ Ai, ai ai o povo alegre/ Mais alegre a natureza/ [...]. (Zé Dantas/Luís Gonzaga – A volta da Asa Branca)

Luís Gonzaga criou, interpretou e veiculou uma obra musical inconfundível, ao transmutar em arte e transpor, para os meios de comunicação, o sentimento nordestino – em letra, canto e música, capazes de traduzir todas as manifestações culturais da sua terra e da sua gente. Um dos muitos traços regionais a timbrarem a sua música é a exaltação dos tipos populares e profissionais. Em muitas de suas melodias, como se pode constatar, desfilam: o barbeiro, a beata, o padre, o vaqueiro, o violeiro dentre outros, típicos da região. Em outras melodias, chega a estabelecer um vínculo entre esses personagens e o povo – como em **Beata Mocinha**, identificando a devota que reza, ora e zela pela igreja (ponto de encontro da comunidade), em muitas plagas do interior.

No que respeita à linguagem, pode-se inferir, o discurso gonzagueano é puramente sertanejo: sotaque carregado, som rústico, traduzindo a fala popular nordestina – característica que permanece, do começo ao fim de sua carreira, como se pode constatar no seu último disco

Vou te Matar de Cheiro (1989 – já um tanto quanto estilizado, mas não de todo desgarrado da marca registrada do cantador, sempre fiel às suas origens). Veja-se o trecho:

Uma pra mim

Uma pra tu

Outra pra mim

Compade tu tá vendo

O que eu tô vendo?(OLIVEIRA, 1991, p.29).

Aspectos temáticos e estilísticos

Tudo em vorta é só beleza/ Céu azul e a mata em frô/ Mas assum-preto/ Cego dos óio/ Num vendo a luz, ai/ Canta de dô/ [...] Assum-preto o meu cantá/ É tão triste como o teu Também robaro o meu amô ai/ Qui era a luz dos óios meu. (Luís Gonzaga/Humberto Teixeira)

A letra das músicas gonzagueanas, como se nos é dado comprovar, refletem e sugerem temas variados da cultura e do folclore nordestino como:

Misticismo

Pode-se inferir, Gonzaga é, por natureza, um místico. Eis de onde se manifesta e onde se acentua o seu tradicionalismo – sobretudo como devoto do Padre Cícero Romão Batista, a quem venerava. Em **Légua Tirana** (valsa-toada composta em parceria com Humberto Teixeira), mostra a força desse misticismo. É nessa peça clássica do seu repertório, que ele canta/conta a história do caboclo que prepara a terra, mas a chuva não vem e o jeito é ir a Juazeiro pedir a “Padim Ciço” que faça chover em sua roça: “*Volte depressa, que já está chovendo lá*”, diz o padre. E “*vorta extrupiado*”. Compra um terço pra Das Dores; pra Raimundo, um violão e o dinheiro acaba. Não tendo mais como levar um presente para a mãe, consola-se, dizendo: “*trago eu o coração*”. E volta cantando, para chegar mais depressa (GONZAGA & TEIXEIRA, 1998, CD 01:09). O lado místico/supersticioso, do sertão nordestino, também pode ser percebido em **Acauã**: “*Acauã, acauã, vive cantando/ Durante o tempo do verão/ No silêncio das tarde agoirando/ Chamando a seca pro sertão*” (GONZAGA & ZÉ DANTAS, 1998, CD 02: 03).

Sensualidade

Eis outro traço marcante, no repertório do vate/cantador nordestino, presente, sobretudo, nas canções em parceria com Zé Dantas, como: **Cintura Fina; Vem Morena e Xote das Meninas**, que focalizam a típica adolescente nordestina.

Vem, morena, pros meus braços

Vem, morena, vem dançar

Quero ver tu requebrando

Quero ver tu requebrar

Quero ver tu remechendo

Resfulego da sanfona

Inté que o sol raiar

Esse teu fungado quente

Bem no pé do meu pescoço

Arre pia o corpo da gente

Faz o véio ficar moço

E o coração de repente

Bota o sangue em arvorço

Esse teu suor sargado

É gostoso e tem sabor

Pois o teu corpo suado

Com esse cheiro de fulô

Tem um gosto temperado

Dos tempero do amor (GONZAGA & ZÉ DANTAS, 1998, CD 01:05).

Sátira

O tom jocoso, satírico, provocador de riso, como se pode ver em **Dois Siris Jogando Bola**, é outra característica do seu canto:

Eu vi um peba

De Batina e de estola

Vi um bode de pistola

Numa farda militá

Vi um mosquito

Sê pegado pela gola

E sê preso na gaiola

Por sê bebo e imorá (GONZAGA Apud DREYFUS, 1996, p.34).

Registre-se que o disco, com a gravação dessa música, veio a ser quebrado, pelo apresentador Flávio Cavalcante (em seu programa televisivo), por considera-la imoral. Não obstante, trata-se, meramente, de uma crítica (paródica) ao regime militar da época.

Saudade

Outro elemento que sempre integrou as canções de Gonzaga. Saudade da terra e da mulher amada. Como se pode ver em **Que nem Giló**, definindo-se o tema em melodia simples:

Ai quem me dera vortá

Pros braço do meu xodó

Saudade assim faz roer

É amarga que nem giló

E não se pode dizer

Que vivo triste a chorá

Saudade o meu remédio é cantá (GONZAGA & TEIXEIRA, 1998, CD 01:14)

A saudade de Pernambuco, sua terra natal, transparece, terna e afetivamente, em composições várias, como em **Pé de Serra**:

Lá no meu pé de serra

Deixei ficá meu coração

Ai que saudades tenho

Eu vô vortá pro meu sertão (GONZAGA & TEIXEIRA, 1998, CD 01:03).

Alegria

Outra marca registrada do seu canto e que serve como pano de fundo para a revelação do folclore sertanejo-nordestino:

A fogueira tá queimando

Em homenagem a São João

O forró já começou

Vamo gente

Rapapé nesse Salão (GONZAGA & ZÉ DANTAS, 1998, CD 02:07).

Defesa dos animais

O cantador assume essa posição, incluindo, no seu LP **Sanfoneiro do Povo de Deus**, a música sobre um jumento. Abordagem que vem a atingir proporções gigantescas, desencadeando uma série de motivações, na literatura, em estudos de sociologia regional, no jornalismo, na música, no artesanato, folclore, cordel, festivais populares, gerando um farto material, inexistente até 1974.

Com o **Manifesto Nacional**, que lança em 1982, na FECANA de Petrolina, Sertão do São Francisco (Pernambuco), contra a matança indiscriminada de jumentos para fazer salsicha e salame, nos frigoríficos de Minas, Bahia, Pernambuco e Maranhão, Gonzaga desperta a atenção geral do Sertão Nordeste, que reage, imediatamente, em favor do humilde jerico. Os Serviços de Defesa Sanitária Animal do Nordeste bloqueiam as barreiras Estaduais, evitando, assim, o tráfico de asininos, destinados aos matadouros. Ao lado disso, o sertanejo passa a tratar o sofrido e sovado jegue com mais carinho, solicitude e humanidade. E paisagem nordestina volta a refletir o panorama antigo, guarnecida com as manadas desses animais então revalorizados na força do canto de Gonzaga. Veja-se o trecho do Baião:

É verdade, meu senhor

Essa estória do sertão

Padre Vieira falou

Que o jumento é nosso irmão (GONZAGA & J. CLEMENTINO, 1998, CD 03:05).

Lampião

Mais um dos elementos caracterizadores da música em apreço: o cangaço, traduzindo a bravura, representada nas histórias fantásticas de Lampião e seu bando, em suas muitas façanhas.

Inspirado em Pedro Raimundo (aclamado pelo povo gaúcho como o “cantor dos Pampas”, defensor da música regional do Rio Grande do Sul e que usava roupas típicas do peão sulista), mirando-se no exemplo desse artista de sua época, Gonzaga passa a divulgar o Nordeste, usando, em suas apresentações artísticas, a indumentária dos cangaceiros, homenageando o ídolo Virgulino Ferreira (Lampião) e os vaqueiros, ressignificando, pois, a valentia do sertanejo nordestino.

Lampião desceu a serra

Deu um baile em Cajazeira

Botou as moças donzelas

Pra dança muié rendera

Olé muié rendera

Olé muié renda

Tu m’insina fazê renda

Qui eu t’insino a namorá

Sócio-político-cultural

Inspirado no sofrimento do seu povo (fonte de toda a sua obra), traz para os xotes e baiões a questão político-social, problemática enfrentada pelos nordestinos. Suas composições, como se pode observar, sobretudo **Asa Branca**, **Triste Partida**, **ABC do Sertão**, **Vozes da Seca**, dentre outras, transpiram uma verve político-social. Veja-se o trecho:

Lá no meu sertão

Pro caboco lê

Tem que aprendê

Um outro ABC (Gonzaga & Zé dantas, 1998, CD 02:11).

Pelo exposto, pode-se dizer, introduzindo o Nordeste no espaço da música popular brasileira, de forma consciente, Luís Gonzaga elabora a síntese dos ritmos autóctones do som nordestino, na utilização de triângulos, zabumbas, sanfona (de até cento e vinte baixos), tudo em harmonia com refrões, adaptados dos cantos populares e com motes próprios. É o que se pode considerar um casamento perfeito do sistema tonal com as modas de timbres medievais, que lembram, até mesmo, o ancestral canto gregoriano.

E há de se reconhecer: o inexplorado terreno regionalista transformou o impagável cantor nordestino no maior difusor da música regional, nos seus mais diversos gêneros, em quase todas as latitudes: da moda de viola, do Centro-Sul, à masurca mineira; do calango fluminense, à valsa rancheira gaúcha; da polca, do rojão, ao coco alagoano. No seu cancionero, todavia, vêm-se alinhados apenas sete estilos principais:

- * **Baião** – cantado pelo sertão, na cadência das toadas de cego;
- * **Xaxado** – indissolavelmente ligado à dança, no compasso e no pulsar da zabumba;
- * **Forró** – baile de ponta de rua, na zona boêmia; de letra bazofiadora e provocante;
- * **Xote** – samba de pé-de-serra, espécie de bolero nordestino;
- * **Toada** - romântica e dolente, que canta a dor do retirante;
- * **Aboio** – também dolente e originalmente sem letra, constituindo o canto típico do boiadeiro, composto só de vogais improvisadas na condução do gado, donde o aboio;
- * **Xamego** – de letra insinuante, maliciosa, contando casos de amor e apego.

Os aspectos temáticos e estilísticos, presentes nas músicas gonzagueanas, frize-se, refletem uma nordestinidade marcada, tanto no ritmo em que foram elaboradas, como no conteúdo das letras, na linguagem nestas veiculada, nos instrumentos de execução, estendendo-se e complementando-se na própria imagem exibida pelo cantor, junto ao público (reforçada pelo gibão e chapéu de couro, símbolos do Nordeste, que sempre caracterizaram o trabalho artístico de Luís Gonzaga) e, mais ainda, na força interpretativa da voz inconfundível do **canta/dor**.

Reflexos socioculturais

*Seu dotô os nordestinos/ Tem muita gratidão/ Pelo auxílio dos sulistas/ Nesta seca do sertão/
Mas dotô uma ismola/ A um home qui é são/ Ou lhe mata de vergonha/ Ou vicia o cidadão/ É
pur isso qui pedimos proteção pra vosmicê/ home pur nós iscuído/ Para as rédias do pudê
[...]. (Zé Dantas/Luís Gonzaga – Vozes da Seca)*

Gonzaga, mais e melhor que ninguém, cantou as alegrias e as angústias de seu povo. Nesse sentido, pode-se constatar, todos os aspectos da vida do homem nordestino, praticamente, vêm-se representados em suas composições. Não que só tenha cantado o sofrimento ou mesmo enfatizado esse aspecto da experiência humana, no seu fazer artístico. Em sua obra, frize-se, encontra-se traduzida a vida do sertanejo em suas tristezas e alegrias. O cenário que revela ao público é, simultaneamente, belo e triste (o mais belo e o mais triste): a caatinga nordestina, retratada na paisagem musical – ora verdejante e florida; ora seca, num mimetismo todo feito de saudade... ainda que já afastada, distante, muitas léguas – para a tristeza do migrante, seu ouvinte fiel.

O homem caracterizado no canto gonzagueano é o trabalhador ativo (**Algodão**), cansado, durante o dia, por toda a semana, mas que se diverte nas festas, nos forrós, ali frequentes. É o valente (**Forró de Mané Vito**) e sensual (**Cintura fina**). É o homem que reza (**Xô Pavão**) e luta no cangaço (**Olha a Pisada**). É o que parte chorando (**Asa Branca**) e volta sorrindo (**A Volta da Asa Branca**). É o que vive atemorizado, na incerteza do futuro (**Acauã**) e o que confia no sertão (**Vozes da Seca**). É também o que deturpa o alfabeto (**ABC do Sertão**), mas ensina o sulista a festejar o São João (**A Dança da Moda**).

Como se pode ver, a cultura do Sertão Nordestino está toda configurada nesse repertório em leitura, na evocação das suas festas, novenas, vaquejadas, farinhadas, casamentos, forrós, folguedos de São João; nas danças matutas (**O Torrado, O Balaio do Veremundo**); nas interpretações dos sinais da natureza (**O Xote das Meninas**); nas práticas medicinais (**Samarica Parteira**); nas formas de tratar as crianças (**Balança a Rede**) e de amansar o gado (**Feira do Gado**); nas técnicas agrícolas (**Algodão**) e no artesanato (**Rendeira**).

A cultura do Sertão Nordestino, enfim, presentifica-se nessa lírico-musical: (**Chegada de Inverno**); os pregões de circo (**O Circo**); nas histórias de amor contadas nos forrós (**Lorota Boa**) e nas formas satíricas (**A profecia**), dentre outras.

Pelo exposto, pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas: o Cancioneiro, aqui em abordagem, é um dos mais ricos mananciais de informação geo/socio/econômico/político/cultural do Nordeste, em especial no que respeita ao modo de ser,

de agir e de pensar do bravo e sofrido sertanejo. Infere-se pois: na possível ausência de qualquer outra fonte de pesquisa sobre o assunto, basta uma consulta ao vastíssimo legado musical gonzagueano, incluindo suas parcerias, para ter-se uma ideia precisa da natureza, da sociedade, da cultura, enfim, do homem do Nordeste Brasileiro.

Sublimação da dor em arte

Juazeiro, Juazeiro/ Me arresponda pur favor/ Juazeiro, velho amigo/ Onde anda o meu amô/ [...] Ai, Juazeiro Cumo dói a minha dô!!! Diz Juazeiro/ Onde anda o meu amô? [...]. (Luís Gonzaga/Humberto Teixeira – Juazeiro)

O Agreste nordestino, em suas intempéries geofísicas e sócio culturais, tem inspirado a arte popular, em suas mais variadas nuances expressivas: artesanato (em especial a cerâmica figurativa), música, literatura... Transfigurando a realidade da vida natural e social do sertanejo, a arte, sobretudo na sua vertente musical e literária, tem absorvido, através das décadas, toda a essência desse homem, em sua maneira de ser e de viver. Sob esse enfoque, há de se perceber, a influência do meio é fator que prepondera, em todos os aspectos (sociais e psicológicos) de sua vida.

O espaço conjuntural refletido apresenta-se seco, quente, sem vida, tudo transpirando desolação, morte, pobreza. Diante de um quadro dessa natureza, é difícil agir indiferentemente. Transplantados para o terreno literário, os tipos humanos, representados em personagens, verossimilham a realidade circundante em sua rudeza, secura, desesperança, refletindo a problemática nordestino-sertaneja em toda a sua crueza e atualidade...

Somos muitos Severinos

Iguais em tudo e na sina:

A de abrandar estas pedras

Suando-se muito em cima

A de tentar despertar

Terra sempre mais extinta,

A de querer arrancar

Algum roçado da cinza (MELO NETO, 1993, p.13)

No trecho acima (excerto do poema *Morte e Vida Severina*), a voz lírica empenha-se em comunicar, pela arte-poética, as dificuldades do meio (cruel) – o Sertão: duro como as pessoas que nele vivem.

Luís Gonzaga, usando outro código comunicativo, a canção popular, reunindo o signo musical e a palavra poética, canta a dor sertanejo-nordestina – dor de um povo; do seu povo; a sua própria dor vívida e vivida:

Quando oiei a terra ardendo

Qual fogueira de São João

Eu perguntei ai, ao Deus do Céu

Por que tamanha judiação.

Inté mesmo a Asa Branca

Bateu asas e voou

Ispero a chuva cair de novo

Pra mim vortá ai, pro meu Sertão. (GONZAGA & TEIXEIRA, 1998, CD 01:04).

É como porta-voz da imensa população nordestina, sofrida e quase sempre esquecida, que o cantador leva, do Sertão para o mundo, essa mensagem dolorida, na esperança/certeza de que tocará o coração dos poderosos, dos políticos – os senhores do destino do País. Através do seu canto, simbolicamente um grito de denúncia, um clamor por socorro, por soluções viáveis, Gonzaga procura, ao mesmo tempo, confortar, minimizar, com o ritmo e a melodia de suas canções, a angústia do seu povo – vítima do abrasivo da seca. E é, digamos, transfigurado, elevado às alturas condoreiras do seu cantar (de Gonzaga), que o sertanejo nordestino transparece, não como vítima, mas como herói: bravo, forte, valente, tal como focalizado por Euclides da Cunha (já citado antes), que a ele se reporta, com muita propriedade: “O sertanejo é antes de tudo um forte: não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (CUNHA *apud* CITELLI, 1997, p.46). Da mesma forma, dignificando esse sertanejo, Gonzaga entoa, em *Triste Partida*:

Faz pena o nortista

Tão forte, tão bravo

Viver como escravo

No Norte e no Sul (GONZAGA & ASSARÉ, 1998, CD 02:19).

E mais:

Há séculos sofrendo

Rigor mais tremendo

De um clima feroz

O povo suporta...

Mas mostra o valor (GONZAGA & LEMOS *apud* FERRETTi, 1998, p.19).

A seca, enquanto fenômeno da natureza, é responsável pela situação precária em que vive o nordestino, à medida que prejudica o seu plantio (*Que brasero, que fornáia/ Nem um pé de prantação* – GONZAGA, 1998, CD 01:04), causando a falta de alimento, a desnutrição, a fome, a sede... vulnerabilizando-o, a doenças várias, desencadeando-lhe a velhice precoce, conforme observa João Cabral de Melo Neto no trecho a seguir:

E se somos muitos Severinos,

Iguais em tudo e na vida

Morremos todos de igual

Mesma morte Severina;

Que é a morte que se morre

De velhice antes dos trinta,

De emboscada antes dos vinte,

De fome um pouco por dia

(De fome e de doença)

É que a morte Severina

Ataca em qualquer idade

E até gente não nascida (MELO NETO, 1993, p.44).

O nordestino, para não morrer de fome e de miséria, parte, como retirante, para as grandes cidades, à procura de trabalho, de melhoria de vida. Sai de sua terra natal, fugindo do fantasma que o aterroriza: a fome voraz – que o ataca, exaurindo-lhe as forças, exigindo-lhe, imperiosamente, a convergência de todas as suas energias. E, nessa luta por melhores dias,

encontra, ao mais das vezes, tão somente desenganos, como bem o retratam os personagens Severino (de João Cabral de Melo Neto) e Fabiano (de Graciliano Ramos), e a família descrita na cantiga *Triste Partida* (de Gonzaga e Assaré). Comparem-se os trechos a seguir:

Desde que estou retirando

Só a morte vejo ativa,

Só com a morte deparei

E às vezes até festiva;

... quem pensava encontrar vida

O pouco que não foi morte

Foi de vida Severina

(Aquele vida que é menos

Vivida que defendida,

E é ainda mais Severina

Para o homem que retira) (MELO NETO, 1993, p.44).

(sinta-se o drama do caboclo nordestino que, por um lado, é castigado pela seca e pela caatinga; por outro, pela estrutura político-social): “... ainda na véspera, eram seis viventes, contando o papagaio – coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (RAMOS, 1992, p.11).

(perceba-se o tipo sertanejo, retirante, na sua luta de titã pela própria sobrevivência... contra o clima, a fome e as desigualdades do meio físico e social).

Chegaram em São Paulo

Sem cobre, quebrado

E o pobre acanhado

Procura um patrão,

Meu Deus, Meu Deus

Só vê cara estranha

De estranha gente

Tudo é diferente

Do caro torrão (GONZAGA & ASSARÉ, 1998, CD 02:19).

(aqui, na *Triste Partida*, as personagens, cantadas por Gonzaga, vivem situação semelhante aos literalizados por João Cabral de Melo Neto e Graciliano Ramos).

A seca não representa a única dificuldade enfrentada pelo povo do Sertão nordestino. Associados a ela, estão os problemas de natureza política e a exploração econômica, gerando a chamada *Indústria da Seca*, através da qual políticos têm desenvolvido projetos que não se destinam tão somente à resolução dos problemas do povo mas, mais voltados para os seus interesses pessoais. Prefeitos e grupos políticos servem-se dos meios de comunicação para divulgar uma seca que não se faz tão alarmante, conforme noticiada, aproveitando-se dessa instância para receberem verbas e auxílios governamentais. Fazendeiros, por seu turno, têm-se aproveitado de toda essa divulgação alarmante para não pagarem dívidas contraídas por empréstimos bancários – o que se lhes favorece a abertura de novos créditos, novos empréstimos em condições especiais.

De modo que, tais alternativas de resolução ou amenização do impasse da seca, não têm solucionado os problemas reais da população sofrida nem o dos pequenos proprietários de terra; só quem delas têm-se beneficiado, de um modo geral, são os grandes latifundiários e os políticos. Veja-se:

O método mais usado para tratar as secas consiste na construção de açudes (represamento de rios) incluindo, às vezes, a irrigação em terras vizinhas. Ocorre que esses projetos de irrigação e os açudes, via de regra, localizam-se em grandes propriedades particulares, beneficiando, portanto, importantes fazendeiros. (PORTELA & ANDRADE, 1993, p.32)

E tudo leva a crer que a maneira de encarar e enfrentar a questão não mudou. Poucas vezes, os governantes chegaram a enfrentá-la. Em 1877, por exemplo, durante uma das piores estiagens da história nordestina, metade da população de Fortaleza – à época, em torno de 120 mil pessoas – morre, em consequência da fome e das doenças trazidas pelos retirantes. O Imperador D. Pedro II, informado, chora comovido, e promete vender “até a última jóia da Coroa” para resolver a problemática; entretanto, nada é feito, além de um açude. Todos esses fatos vão desembocar na já referida e tão conhecida *Indústria da Seca* – que tem contribuído

quase sempre para trazer vantagens aos grupos dominantes que, por isso mesmo, procuram eternizá-la, não lhe favorecendo a viabilização de soluções verdadeiramente práticas.

Em 1953, o Nordeste volta a sofrer com as intempéries da natureza. Luiz Gonzaga, mais uma vez, interpreta o sofrer dos nordestinos e canta **Vozes da Seca**, lançando um autêntico apelo à generosidade dos governantes, em favor dos flagelados sertanejos.

[...] Dê serviço a nosso povo

Encha os rio de barragem

Dê comida a preço bão

Não esqueça a açudagem.

Não esqueça a açudage

Livre assim nós da ismola

Qui no fim dessa estiage

Lhi pagamo inté os juro

Sem gastá nossa corage

Se o dotô fizé assim

Salva o povo do sertão

Quando um dia a chuva vim

Qui riqueza pra nação

Nunca mais nós pensa em seca

Vai dá tudo neste chão/

Cumo vê nosso destino

Mecê tem na sua mão (GONZAGA & DANTAS, 1998, CD 02:12).

Motivado pela realidade do Nordeste, o Rei do Baião produziu, em canto, o que há de melhor na música brasileira regional. Suas canções tornaram-se um grito de protesto contra o descaso do Governo, projetando um quadro regional/universal, específico do Nordeste Brasileiro, confirmando assim, que todo sofrimento lhe é pretexto para transfiguração da vida em arte. Com sua acurada percepção e cuidadosa construção artística, vai mostrando a condição de vida do caboclo, transmudando a sua dor, fome e miséria, em verdadeira poesia.

Os nordestinos

têm muita gratidão

Pelo auxílio dos sulistas

Mas doutô, uma ismola

A um homem que é são

Ou lhe mata de vergonha

Ou vicia o cidadão (GONZAGA & DANTAS 1998, CD 02:12).

Além de trazer lenitivo ao sofrimento do sertanejo, a música de Gonzaga procura devolver-lhe o sentimento de dignidade, afirmando o valor de suas tradições culturais, incitando-o a lutar contra o preconceito do sulista, em relação ao nordestino. Em suma, o cancionário gonzagueano é produto autêntico de uma arte que brota da dor, da alma sertaneja, sublimada em canto. É inspiração que nasce na contemplação dos campos, do mandacaru florando e da audição da Asa Branca, cantando, no final da tarde.

O estudo e análise de uma obra de arte poético-musical, como o Cancioneiro de Luís Gonzaga, é empreitada fascinante. E este pequeno ensaio, não tem a pretensão de esgotar o assunto; antes, reconhece-lhe as perspectivas de estudo e as inúmeras possibilidades de leitura, pelo que o projeto continuará em aberto.

Acredita-se que os aspectos sociais e culturais da região nordestina, notadamente o *Polígono das Secas*, nos foram transmitidos por Gonzaga, num magistral toque artístico, um olhar poético e consciente sobre a problemática vivenciada pela maioria da população nordestina. O trabalho artístico, sem precedentes, desse cantador permanece, pois, sendo de grande importância para a cultura nacional, como difusor das raízes de nossa brasilidade: a cultura nordestina, a epopéia das lutas, os gritos abafados de um povo, ante as intempéries da natureza.

O Cancioneiro gonzagueano, pode-se ainda inferir, paralelamente, situa-se no âmbito do Modernismo literário brasileiro, em similitude aos grandes romancistas da epopeia da seca, tais como: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, João Cabral de Melo Neto... podendo-se reconhecer, entre a obra literária desses autores e a lírica musical de Gonzaga, uma convergência temática, embora expressando-se, cada uma destas vertentes, em sua peculiar linguagem.

Luíz Gonzaga, cantador do Sertão, “irmão das almas” sofridas do Nordeste brasileiro, abre os nossos olhos (sobretudo dos irmãos do Sul) para o drama do Sertão Nordestino, quiçá

ainda invisível, ignorado, na cegueira dos “simples mortais” do poder, ainda incapazes de ver, sentir, que, por trás desse sofrer, esconde-se a legítima grandeza do Brasil.

E vale lembrar, finalmente: a maior satisfação e glória do “eterno cantador”, e “Rei do Baião”, era cantar e contar, nos seus versos e melodias simples, a história cultural e cotidiana do seu povo. O POVO NORDESTINO. O POVO BRASILEIRO.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O sertanejo**. 8^a ed. São Paulo: Ática, 1996.
- ANDRADE, Mário de. **Pequena história da música**. São Paulo: Martins, 1969.
- ANDRADE, Manuel Correia. **A terra e o homem do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- ÂNGELO, Francisco de Assis. **Eu vou contar pra vocês**. São Paulo: Icone, 1990.
- BARBOSA, Osmar. **Grande dicionário de sinônimos e antônimos**. 13^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- CASTRO, Dárcio Antonio de. **Roteiro de leitura – Vidas Secas**, de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1993.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- CITELLI, Adilson. **Roteiro de leitura – Os Sertões**, de Euclides da Cunha. São Paulo: Ática, 1997.
- CORRÊA, Dinacy Mendonça (orientadora); MENDES FILHO, José de Ribamar (orientando). **Luiz Gonzaga: Cant’ a dor do Sertão – Projeto de Pesquisa/TCC-Letras-Cecen-Uema, 1998** (89 p. inédito).
- DREYFUS, Dominique. **Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. 2^a ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1996.
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Baião de dois: Zé Dantas e Luiz Gonzaga**. Recife: Massangana, 1988.
- FEITOSA, Conceição de Maria C. **O Canto gonzagueano: similaridade ao romance modernista, centrado no drama da seca nordestina**. Ensaio literário – avaliação final da disciplina Literatura Brasileira do Realismo ao Modernismo (Prof^ª. DMCorrêa). Curso de Especialização em Literatura Brasileira/Uema-2007 (22 p. inédito).
- MÁXIMO, João. **Luís Gonzaga: 50 anos de chão**. São Paulo: RCA, 1998.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta**. Rio de Janeiro: José Olympio. 33^a ed. 1993.
- MENDES, José de Ribamar. (orientando); Corrêa, Dinacy Mendonça. **Luís Gonzaga: cantador do sertão**. Projeto de Pesquisa-TCC-Letras-Uema-2000 (72 p., inédito).

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. Poesia. 12^a ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____ **A análise literária**. 10^a ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____ **A literatura brasileira através dos textos**. 3^a ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1996.

OLIVEIRA, Gildson. **Luiz Gonzaga: o matuto que conquistou o mundo**. Recife: COMUNICARTE, 1991.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 74^a ed. São Paulo: Record, 1998.

REVISTA VEJA. **O drama da fome no Nordeste**. Editora Abril – Ed. 1545, ano 31, n. 18 de 6 de maio 1998.

SÁ, Sinval. **O sanfoneiro do Riacho da Brígida**. 6^a ed. Rev. e Aum. Recife: FUNDARPE, 1986.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: tema em debate**. 3^a ed. rev. e aument. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1997.

Luiz Gonzaga: Cinquenta anos de chão. RCA/Victor, 1998. CD 1, 2 e 3.